



Sesc^{tv}

EDIÇÃO N.114 / SETEMBRO DE 2016

RELIGIOSIDADES
**AS DIFERENTES
CRENÇAS E SEUS
PARADOXOS**

MÚSICA
CHARLES BRADLEY,
A ESTRELA DO SOUL

SUPER LIBRIS
RUTH ROCHA E O
HÁBITO DA LEITURA



BOAS HISTÓRIAS INSPIRAM E TRANSFORMAM PESSOAS. CONTE A SUA.

Todos os dias, no Sesc, pessoas transformam pessoas.
Chegou a hora do Brasil inteiro conhecer essas histórias.

**Conte uma história de transformação
que aconteceu no Sesc.**

Acesse sesc70anos.com.br

Sesc 70
anos

índice

DESTAQUES

- 4 Religiosidades, crenças e fés
- 6 Performance da alma
- 7 Era outra vez
Retrospectiva Eder Santos

ENTREVISTA

- 8 Eder Santos: O vídeo como arte

ARTIGO

- 12 “Vídeo-arte: o olho do diabo?”
por José Roberto Aguilar

ÚLTIMO BLOCO

- 14 Neste mês



capa

Capela das Velas. Santuário de Nossa Senhora Aparecida - SP.

Foto: João Cotrim

editorial

“O mundo deles é quadrado, eles moram em casas que parecem caixas, trabalham dentro de outras caixas, e para irem de uma caixa à outra, entram em caixas que andam.

Eles veem tudo separado, porque são o Povo das Caixas...”
(Frase de um pajé do povo Kaingang sobre o homem branco, recolhida por Lúcia Fernanda Kaingang)

No Sesc buscamos lidar com a realidade que transcende as caixas. Nosso propósito é contribuir com o desenvolvimento integral do ser humano, compreendendo as várias dimensões que concorrem para sua realização. Em decorrência dessa ação, seria possível atribuir ao “e” na sigla da instituição uma relação permanente com a vocação educativa, associada à promoção do bem-estar individual e coletivo.

Somos seres complexos em um mundo cada vez mais complexo. Assim, a realização pessoal deve possibilitar o alargamento das capacidades de ser. Nessa perspectiva, a letra “e” adquire uma nova conotação: torna-se a possibilidade de adicionar vivências e experiências. Somos esportistas e criadores e pensadores e trabalhadores e aprendizes e professores e infinitos outros “e”s. Adultos e jovens e crianças e velhos e mulheres e homens e tantos outros gêneros e formas de ser, com potencialidades e desejos e necessidades e entusiasmos.

Neste mês de setembro, somos convidados a celebrar juntos os 70 anos de existência do Sesc. Em cada um de nossos centros culturais, esportivos e de convivência, e pelos meios digitais, estão presentes o caráter socioeducativo e o compromisso com a ampliação de estímulos e oportunidades para interagir nas múltiplas dimensões da vida.

70 anos é bastante tempo e quase nada. Tão importante quanto o tempo que temos é o que fazemos dele. Fazer coisas que durem é relevante, mas coisas materiais ganham significado com pessoas. O sentido das coisas deve ser contribuir para a conscientização das pessoas. Pessoas conscientes podem enxergar a rede inseparável de relações que nos mantêm ligados aos demais seres vivos, aos recursos naturais e ao próprio planeta, para além das caixas que limitam.

Danilo Santos de Miranda

Diretor Regional do Sesc São Paulo

Religiosidades, crenças e fés

A pluralidade das diversas manifestações culturais em busca do contato com o divino revela a riqueza e complexidade das tradições através dos tempos e sua influência no cotidiano dos povos



Documentário *Filhos de Abraão*. Direção: André Corrêa.

A religiosidade prescinde de religião. Ela se baseia mais na fé, na crença e na espiritualidade, do que no conjunto sistêmico de doutrinas e preceitos que regimentam as religiões. Desde o início das civilizações, o homem recorre tanto à religião quanto à religiosidade, na tentativa de compreender seu lugar no mundo. Ambas são produções

culturais tão potentes que influenciaram a humanidade ao longo da história.

As diversas manifestações de fé, com todas suas similaridades e disparidades, revelam a riqueza e pluralidade cultural dos povos. Por outro lado, ao longo dos anos, a intolerância religiosa tem se mostrado capaz de influenciar o imaginário coletivo. Isso ocorre quando o

PROGRAMAÇÃO DESTACA A IMPORTÂNCIA DA EXISTÊNCIA DE DIVERSAS RELIGIOSIDADES NO MUNDO CONTEMPORÂNEO



FOTO: DIVULGAÇÃO

homem enxerga a cultura do outro com seus próprios olhos, a partir de sua bagagem cultural, ao invés de tentar compreender as diferenças com isenção, sem pré-julgamentos sobre aquilo que é, para ele, culturalmente desconhecido.

A figura de Deus possui diversas interpretações pelo mundo, de acordo com cada religião e credo. Segundo o padre Renato Vieira, a essência

de Deus é ser mistério: “Quando me perguntam sobre Deus, eu deveria ficar quieto, para que a pessoa descubra, em seu silêncio, quem é Deus”. Já o líder espiritual Yonatan Shani defende que não é tão importante saber quem é Deus e sim saber como Ele se manifesta em nós.

Depoimentos como estes foram colhidos pelo diretor André Côrrea no documentário *Filhos de Abraão*, que o SescTV estreia no dia 16, às 20h. O filme investiga o mito do profeta hebreu e sua influência no mundo ocidental. Abraão, citado na bíblia desde o livro de Gênesis, é considerado o patriarca das três maiores vertentes religiosas da humanidade: o judaísmo, o islamismo e o cristianismo. Para o rabino Michel Schlesinger, o profeta hebreu rompeu com o politeísmo existente em sua época. “Ele teve a coragem de iniciar um caminho novo, que é a crença em um único Deus.”

Para fomentar a discussão sobre religiosidades no mundo contemporâneo, o canal exibe também outras produções que abordam e discutem de maneira plural diferentes crenças e seus paradoxos. No episódio *Fé no Brasil: Rezadeiras*, da série *Coleções*, um grupo de mulheres da cidade de Boa Vista, na Paraíba, revela suas tradições e práticas de oração na comunidade. Na série *Contraplano*, a mistura de credos antagônicos no cinema é tema do episódio *Os Paradoxos da Religião*.

A filósofa Márcia Tiburi discute o significado da palavra Deus, com a professora Marília Fiorillo, autora do livro *O Deus Exilado*, e o professor Gustavo Bernardo Krause, autor do livro *A Ficção de Deus*, em episódio da série *Filosofia Pop*. Há ainda dois curtas-metragens latino-americanos sobre a fé em contextos religiosos bem diferentes: *Exu: Além do Bem e do Mal*, de Werner Salles Bagetti, e *Ri Loq’olāj Maya’ Q’aq’*: *El Fuego Sagrado Maya*, de Ezequiel Sánchez, exibidos no episódio *Crenças*, da série *CurtaDoc*. ●



FILHOS DE ABRAÃO,
DIA 16, 20H

Direção:
André Corrêa
Classificação:
Livre

CONTRAPLANO OS PARADOXOS DA RELIGIÃO,
DIA 16, 22H

Direção: Luiz R. Cabral
Classificação:
12 anos

COLEÇÕES FÉ NO BRASIL: REZADEIRAS,
DIA 17, 13H30

Direção:
Belizario Franca
Classificação:
Livre

FILOSOFIA POP DEUS,
DIA 17, 16H

Direção:
Esmir Filho
Classificação:
Livre

CURTADOC CRENÇAS,
DIA 17, 18H

Direção:
Kátia Klock
Classificação:
12 anos



Assista o trailer do documentário *Filhos de Abraão*:





FOTO: DIVULGAÇÃO

Performance da alma

Descoberto aos 64 anos de idade, cantor norte-americano Charles Bradley mantém vivo o espírito da *soul music*

Quando pequeno, Charles Bradley não sabia da existência de palavras como segregação ou racismo, mas convivia diariamente com esse sentimento à sua volta. “Eu não podia atravessar a rua. Tinha que ficar de um lado, enquanto os brancos caminhavam pelo outro.” Nascido em 1948, em Gainesville, na Flórida, foi criado por sua avó até os oito anos de idade, quando conheceu sua mãe, que o convidou para morar junto dela no Brooklyn, em Nova Iorque, numa época em que ser negro nos Estados Unidos era viver com medo e sem direitos.

Bradley teve uma adolescência difícil. Fugiu de casa e morou nas ruas por dois anos. “Eu era constantemente enquadrado pela polícia”, lembra. Trabalhou como cozinheiro durante anos, atravessou os Estados Unidos, Canadá e Alasca, até voltar ao Brooklyn, em 1996, para viver novamente com sua mãe.

A semelhança com James Brown o levou a se apresentar em casas noturnas como cover da lenda do funk e do soul, adotando o nome

Black Velvet. Ele conta que, desde criança, queria seguir os passos do cantor: “pegava uma corda, amarrava em uma vassoura, jogava e puxava de volta”, imitando com o microfone os movimentos do ídolo, ato que Bradley repete até hoje em seus shows.

Dono de uma voz potente e de grande sensibilidade, Charles Bradley foi descoberto apenas aos 64 anos, pela Daptone Records, que gravou seus primeiros singles e três álbuns, *No Time For Dreaming*, em 2011, *Victim of Love*, em 2013, e *Changes*, em 2016. “Quando tive a chance de fazer minha própria música, comecei a falar através dela. Aquilo foi minha fuga para me expressar ao mundo”, revela.

O cantor se apresentou com a banda *His Extraordinaries* no Festival Jazz na Fábrica de 2015, no Sesc Pompeia. No repertório, músicas como *Confusion* e *Why is It so Hard* reforçam o desejo de Bradley: “Humildemente, com todas as dores e alegrias que já passei, espero apenas que o mundo me escute”. ●



**CHARLES BRADLEY,
DIA 28, 22H**
Direção para TV:
Daniel Pereira.
Classificação: Livre.

FOTO: PIU DIP



Era outra vez

DIA 19, 21H. Super Libris. Direção: José Roberto Torero. Classificação: Livre.

A expressão “era uma vez” inicia, há milhares de anos, várias das principais narrativas infantis pelo mundo. Para a escritora brasileira Ruth Rocha, essa expressão é uma espécie de “fórmula mágica” da qual o autor se utiliza para falar de um tempo imaginário. Nascida em São Paulo, em 1931, Ruth é membro da Academia Paulista de Letras. Consagrada por suas obras voltadas ao público infantil, foi vencedora de vários prêmios, entre os quais o Prêmio Jabuti de Melhor Livro para Criança, em 1990, por *Uma história de rabos presos*. Com mais de 200 livros publicados, a autora reconhece a família como essencial no estímulo e desenvolvimento do gosto pela leitura. Ruth ressalta a importância do diálogo entre pais e filhos. Acredita que as crianças devem ser ouvidas desde pequenas, pois a fala e a escuta são ações que estão ligadas e influenciam diretamente na leitura. “O segredo para uma pessoa gostar de ler é uma formação, desde cedo, da língua. Quem não lê bem não entende nada e não gosta. O exercício da fala e do ouvido são muito importantes. A família não pode se ausentar disso. Nem que sejam quinze minutos por dia”. ●

FOTO: FRAMED BY CURTAINS (EDER SANTOS, 1999)



Retrospectiva Eder Santos

DIAS 24, 22H. Documentário. Direção: Eder Santos. Classificação: Livre.

Na década de 1960, artistas de diversas áreas começaram a se apropriar do vídeo, experimentando-o como plataforma e enxergando a possibilidade de ampliar e questionar sua representação no campo das artes. Surgia uma nova forma de expressão, a videoarte, que trouxe como precursores o sul-coreano Nam June Paik e o alemão Wolf Vostell. No Brasil, um dos expoentes da videoarte contemporânea é o mineiro Eder Santos. Sua trajetória é destacada em documentário dirigido pelo próprio videoartista, que comenta suas principais obras. Entre os vídeos selecionados está o primeiro trabalho que o levou a festivais internacionais, *Uakti*, onde uma versão do *Bolero de Ravel* é executada a partir de sons gerados por instrumentos em contato com a água, em meio a peixes e adornos de aquários. “Aquela coisa tropical que os europeus gostam de ver”, explica o diretor. Outra obra apresentada é *Framed by Curtains*, com visões distorcidas de Hong Kong e sua paisagem urbana e caótica, logo após a devolução da cidade à China. “É o primeiro vídeo que fiz digital. É outra geração em vídeo, com computador e qualidade bem melhor”, comenta Santos. ●

EDER SANTOS. DIRETOR DE CINEMA E VIDEOARTISTA.

Um dos representantes da videoarte no Brasil, artista defende o diálogo das artes plásticas com o audiovisual

O vídeo como arte

Eder José dos Santos Júnior nasceu em 1960, na capital mineira Belo Horizonte, e desde pequeno já mostrava talento para a arte. Começou a desenhar antes mesmo de aprender a ler. Aos seis anos de idade, logo após retornar de sua primeira sessão de cinema, pôs-se a desenhar o *storyboard* completo do filme; a fita era *Branca de Neve e os Sete Anões*, e os esboços o artista guarda consigo até hoje. Cresceu e vive desde sempre na região da Pampulha, na sua cidade natal. Estudou na Escola de Belas Artes e na Fundação Mineira de Arte Aleijadinho. Foi designer gráfico e ilustrador de jornais e revistas, mas quando, na década de 1980, descobriu as possibilidades de uma câmera Super 8, começou a experimentar o vídeo como suporte em seus processos criativos. Muitas de suas obras exploraram e defendiam a união entre as artes plásticas e o audiovisual, o que fez de Eder um dos expoentes da videoarte no Brasil. São centenas de trabalhos entre videoinstalações, curtas-metragens, séries de TV e longas-metragens. Seus vídeos integram hoje os acervos permanentes do MoMA, em Nova York, e do Centre Georges Pompidou, em Paris, além de instituições nacionais, como a Associação Cultural Videobrasil.

O que o levou a trabalhar com o vídeo e como foi explorar as potencialidades desse meio no início dos anos 1980?

O amor pela imagem me levou a fazer isso, seduzido pelo cinema e pela televisão. Estava apaixonado pela imagem em movimento. Na época, eu desenhava *storyboards*. Tenho até hoje uma coleção de desenhos que foram guardados por minha tia; o *storyboard* de *Branca de Neve*

e os *Sete Anões*, de Walt Disney, por exemplo. Minas Gerais nunca teve uma produção de TV ou cinema muito extensa. Mesmo tendo um cara como Humberto Mauro, que transformou por completo nosso cinema, não temos ou não tínhamos uma tradição audiovisual. Com o vídeo, nós começamos uma história da imagem eletrônica em Minas Gerais. No Brasil, acredito que criamos um estilo mineiro de imagem.

A videoarte contribui ou influencia a produção audiovisual contemporânea, seja no cinema ou na televisão? De que forma ela o faz?

Podemos dizer que, com o início do Festival Videobrasil, em 1983, e até sua terceira edição, o vídeo começou a influenciar profundamente nossa televisão. Antes, Glauber Rocha com o programa *Abertura*, na TV Tupi, já apontava para um jornalismo naturalista e ousado, seguido prontamente por Marcelo Tas, com seu programa *Olhar Eletrônico*, e Walter Silveira. Depois, acredito que o vídeo experimental – que desde os anos 1970 já era chamado de videoarte na Europa e nos Estados Unidos – vai transformando nossa cultura visual, invadindo as galerias e museus nos últimos dez anos. Hoje nossa arte está muito digital.

Você já trabalhou com diversos formatos e tecnologias, seja no vídeo ou no cinema. Como vê os avanços tecnológicos de equipamentos e o acesso facilitado a eles?

Todos os esforços feitos pelas ditaduras militares na América do Sul contra o desenvolvimento da troca de informações entre os países através das TVs foram em vão, mesmo tendo os canais >>>



RAIO-X

EDER SANTOS, BELO HORIZONTE (MG)

Formação

Belas Artes e
Comunicação Visual

Alguns trabalhos

- Uakiti-Bolero (1987)
- Não vou à África porque tenho plantão (1990)
- Tumitinhas (1998)
- Deserto Azul (2014)



“Nossa imagem tem estilo e é para todos.”



“Cinema é o gigantismo da imagem em movimento.”

“A arte constrói plataformas; não se adapta. Ela cria novos meios. Tudo o que vemos é uma experiência já testada e construída pela experimentação. O mundo se cria e se adapta ao que é invenção do artista.”

»»

e a imprensa como aliados. Com o surgimento do vídeo portátil, todo o esquema de proteção e proibição da produção independente foi um tiro pela culatra. Pois nossa produção televisiva não acompanhou o desenvolvimento da linguagem e tecnologia dos novos equipamentos. Enquanto emissoras como a Rede Globo se resguardavam em um certo “padrão de qualidade”, o mundo mudou e nossa produção de imagem (artística e experimental) inventou um novo mundo. Nós do vídeo que sempre aceitamos todos os formatos estamos prontos para a *ex-streaming* TV. Nossa imagem tem estilo e é para todos.

As videoinstalações possuem um caráter presencial para contemplação do público. Nesse sentido, a internet pode ser uma forma de ampliar o acesso a obras e trabalhos em vídeo?

As videoinstalações estão mais relacionadas com as formas de ver e sentir. Estão mais próximas das salas de cinema. Proporcionam novas maneiras de ver imagem. Já a internet, no avançado estado que estamos hoje, criou a nova TV. O futuro da TV chegou. E pegou de surpresa todas as redes de televisão de canal aberto. O cinema passa por profundas mudanças também. Ainda não chegamos ao mercado. Não acho que estamos perto. Acho que o mercado de distribuição é uma próxima etapa. Está aberto e em uma profunda mudança.

É preciso pensar em uma produção artística em vídeo específica e um novo tipo de fruição para as novas plataformas, como a internet?

A arte constrói plataformas; não se adapta. Ela cria novos meios. Tudo o que vemos é uma

experiência já testada e construída pela experimentação. O mundo se cria e se adapta ao que é invenção do artista. Viva Santos Dumont.

Em uma de suas declarações, você disse que “cinema digital” não é cinema. Como vê hoje o avanço da produção digital nas grandes telas? O digital continua não sendo cinema?

Com certeza o cinema digital não é o cinema que eu conheço como cinema longa-metragem, com seus atores, seus papéis, suas histórias e conflitos feitos para serem vistos em um ambiente imersivo e importante para a imagem projetada. Cinema é o gigantismo da imagem em movimento. A fluidez e heteridade da imagem digital traz algo imediato que ocupa mais o lugar da TV e do “filme documental”. Não quero dizer que não se faz cinema digital. Hoje já estamos fazendo. A forma já se apropriou das máquinas. Uma nova forma sim surge à margem do rio... Digamos que temos agora a terceira margem do rio.

Quais as principais diferenças na criação em vídeo e em película/cinema?

Bom, não sou especialista. Se soubesse entenderia melhor o que estou fazendo. Só sei que nunca pensei em fazer imagem para a televisão. Tenho admiração por imagens projetadas.

É possível estabelecer um diálogo mais próximo das artes plásticas com o cinema (ou até mesmo buscar um protagonismo dela na tela grande), explorando o tempo das imagens e o tempo das sensações?

Sempre foi. O cinema sempre esteve junto com a experimentação e a construção de novos



EDER SANTOS EM TRÊS OBRAS



■ *Essa Coisa Nervosa* (1991)



■ *Videoinstalação: New Call Waiting* (2009)

FOTOS: DIVULGAÇÃO



■ *Deserto Azul* (2016)

universos e ressignificações da nossa realidade. E com a grande vantagem de chegar em lugares além do mundo tão exclusivo e especial das artes.

Através de sua contínua experimentação com a linguagem do vídeo e as artes visuais, você criou um filme de ficção científica. Como surgiu *Deserto Azul* e como foi o processo de produção?

Deserto Azul surge de uma maneira bem simples. Minha ideia era fazer um filme onde o roteiro fosse escrito por “imagens”. Eu cheguei a começar esta escrita com a Bolsa Vitae. Queria escrever um filme com imagens. A introdução do roteiro somente com imagens foi usada no projeto que ganhamos no Edital da Petrobras. Mas, é claro, essa ideia foi abandonada, já que os editais só aceitam roteiros escritos e devidamente formatados. O resultado acabou nos ajudando a fazer uma história que não só foi construída pelo texto de Mônica Cerqueira. Criamos uma narrativa visual muito forte baseada nos mundos imagéticos dos trabalhos (como instalações) de vários artistas contemporâneos brasileiros e internacionais. Esses mundos particulares e especiais dos artistas nos deram uma estrutura mágica para fazermos uma ciência da ficção brasileira.

Entre instalações, vídeos e cinema, quais são seus projetos futuros?

Preparo a estreia de *Deserto Azul* nos cinemas e tenho um novo longa já em curso, *Casa do Girassol Vermelho*, baseado no conto de Murilo Rubião, um escritor do realismo fantástico brasileiro. Nossa produtora também está produzindo um longa documentário de Fabian Remi, o “Beyrari”, que conta a história de um menino branco criado com os índios caiapós no Xingu. Estamos ainda desenvolvendo uma série para TV, a *1986*, que revive os anos do “plano Cruzado” no seio de uma família mineira que vive a crise do comércio de carne e tem no açougue o ganha-pão da família. Nas instalações preparo uma exposição para 2017 no Festival de Arte Contemporânea Sesc_Videobrasil. ●

Vídeoarte: o olho do diabo?

José Roberto Aguilar é pintor, *videomaker*, performer, escultor, escritor, músico e curador, considerado um dos pioneiros da vídeoarte no Brasil.

por José Roberto Aguilar foto Calliope Georgouse

“Videoteipe é o olho do diabo. Mas também o único que pode transmitir visões do paraíso.” Frase do grande sábio chinês Mao-vê-tê do século III a.C., período dinastia So-ny. A lente é filha de Copérnico e Galileu. Condutora de realidades. Traz mais perto de visão. Zoomm. A máquina fotográfica ou de filmar. A física mecânica, Guttenberg filmando o rio socrático, a dança da alma de Aristóteles sempre presente no roteiro. Descartes comprou sua Leica com uma grande angular polida por Leibniz. Marx filmou as lutas de classes, fantasiado de Eisenstein. O cinema americano herdeiro do pragmático inglês. A Nouvelle Vague em busca do tempo perdido. Dashiell Hammett e Hemingway com Jesse James e Sundance Kid matando pele-vermelhas e bolivianos no bar da esquina do Texas. Glauber Rocha, Bressane, Nelson Pereira dos Santos, na feira hippie da Praça da República. A lente filtra todos, em todos os cantos e em todas as esquinas. Diagramação do tempo. Começo, meio e fim. Imperando absoluta, a

cadeira do espectador. O Deus Cinema. O espectador incólume. O crítico no seu ridículo papel de rei sol, absoluto. Alguém gritou: “Que a luz se faça”. A mão apertou o interruptor, como vai dona eletricidade? E o videoteipe entrou em cena.

Não, aparentemente o videoteipe não tem nada que ver com a realidade. Você olha através da câmera e não enxerga nada; está tudo escuro. É preciso conectar a câmera com o gravador e ligar na eletricidade. A imagem se forma na câmera através de uma tradução da realidade, filtrada pelo videocom, equacionada através de pontos e impulsos eletrônicos. Daí você não só vê a realidade, mas realidade mais a tessitura de nervos do agora.

A luz contém alma. Ondas vibratórias que envolvem objetos e pessoas adquirindo e conduzindo o humor do momento. Tem dias que o equipamento se recusa a trabalhar. A gente põe a mão na cabeça e pensa na fortuna que vai ser para consertá-lo. No dia seguinte, a gente liga e



ele está funcionando maravilhosamente. A única explicação é que o equipamento traduziu vibrações negativas e se recusou a trabalhar. Quando a causa é existencialmente justa, o aparelho nunca deixa de funcionar. Experiência de cinco anos de “videoteipeiro”. Mil exemplos sem tempo de contá-los. O videoteipe abomina a visão profana. Ele capta imediatamente; pior, registra. Não há nada de mais desolador do que um vídeo gratuito. Porque ele é o seu olho, a sua visão de mundo, a tia alemã Weltanschauung. O olho é maior bandeira, bicho. Se você não estiver em seu centro, seu vídeo vai estar mais desconstruído que a seleção do Coutinho.

A revelação da película cinematográfica é química e o resultado é uma combinação de dosagens de luzes. O cinema é uma extensão do olho enquanto olho, o vídeo é uma extensão do olho enquanto sistema nervoso. Papai McLuhan chegou aí. O vídeo através da captação atômica e da aura te tira da visão de espectador e de crítico e te joga num envolvimento voluntário ou não. O tempo linha reta não existe. É um tempo interior que pode demorar um minuto ou duas horas. Os melhores fazedores de vídeo (videomakers) foram os pré-socráticos. Heráclito era um craque. Os vídeos de Empédocles eram de primeira linha. Parmênides deixou Paik de boca aberta. Guimarães Rosa, embora nunca tenha sabido de videoarte, realizou magníficos trabalhos nesse campo. Não é necessário ter equipamento para realizar videoarte. Basta estar afinado com a aqui e o agora. E a copa do mundo é nossa. Entre os orientais, os melhores vídeos são os dos fazedores de haicais. Outra informação útil e sigilosa: o videoteipe não é cristão, não tem sentimentos de autopiedade, expiação e bem e mal, embora possa ter muito amor e respeito pelos seus semelhantes e dessemelhantes. Em uma palavra, ele não é dualista. Em matéria de religião ele puxa mais para o zen-budismo.

Estava à toa na vida, no meu glorioso atelier, quando uma carta passou por baixo da porta colonial de cinco metros. Era um convite do Cayc para um Encontro Internacional de Video-Arte a ser realizado em Tóquio. Como de hábito, estou duro. Olho tristemente pela janela e vejo

minha Brasília branca. Iluminado, exclamo: “Ah, carrinho meu, você vai me levar para o Japão “. Vendi a Brasília e fui para o Japão.

Um dos maiores incentivadores da videoarte foi Jorge Glusberg, chefe do Centro de Artes y Comunicaciones de Buenos Aires. Realizou vários encontros internacionais dos quais participei, o de Tóquio e o glorioso Encontro de Video Performance no Centro de Artes Georges Pompidou, em 1978. Eu mesmo organizei o primeiro Encontro Internacional de Video Arte no MIS, São Paulo, em 1977. Depois nasceu o Videobrasil, o vídeo em cores, e a videoarte foi adquirindo uma linguagem própria. Uma plêiade de grandes videomakers surgiu, como Eder Santos, Tadeu Jungle, Rafael França, Walter Silveira, Geraldo Anhaia Melo, Lucila Meirelles, Lygia Pape, Otavio Donasci e muitos e muitos outros. Melhor ainda, a VA se universalizando em arte, se amalgamando na arte. Como arte feita em papel, arte feita em canvas, arte feita em vídeo, tudo é uma coisa só.

Vamos deixar o passado tranquilo porque agora nasce uma nova revolução, uma nova explosão estelar.

A engenharia das câmeras de vídeo enlouqueceu. Temos GoPro a duzentos reais, cogumelos de câmeras que registram em 360 graus etc., e isto tudo desaguou na virtualidade da Augmented Reality, Realidade Aumentada. O cânone da física clássica propunha o espectador como Observador Absoluto, sentado em seu trono observando todos os fenômenos. A física quântica eliminou o posto de Observador Absoluto e comprovou que todos os fenômenos recorrentes interagem com ele. Nesse momento ele entrou no jogo. O cinema, desde os tempos de Méliès até hoje, botou o espectador confortavelmente em sua cadeira. E o regente escondido era o montador. Com a Realidade Aumentada você não vê em uma só direção, não precisa presenciar uma só ação. Tadeu Jungle realizou um excelente documentário, pioneiro, sobre a tragédia de Mariana, com essa técnica, que é mais do que técnica, é uma nova visão de mundo.

Aguardem que o baile está apenas começando. ●



dia 10, 22h

CLAUDIA ANDUJAR. Direção: Cacá Vicalvi. Classificação: 10 anos.

Pautado pela sensibilidade às questões humanas, cujo olhar procura mostrar não só o outro, mas quem ele é, o trabalho da fotógrafa Claudia Andujar é tema de episódio da série **Artes Visuais**.

dias 23 e 30,
21h

DANÇO- GRAPHISMUS

Direção para TV:
Antônio Carlos Rebesco.
Classificação: Livre.

Fruto de uma ação colaborativa entre integrantes do Balé da Cidade de São Paulo, o projeto abre espaço para que bailarinos da companhia possam se experimentar na criação. O resultado desse processo são oito coreografias inéditas, que compõem o espetáculo Dançographismus, exibido em duas partes, na série Dança Contemporânea.

dia 25,
0h

RUA AUGUSTA

Direção: Paulo Markun e Sergio Roizenblit. Classificação: Livre.

Por definição, gentrificação é o processo de mudança imobiliária que envolve a troca de um grupo por outro com maior poder aquisitivo em um determinado espaço. São muitas as áreas que passam por este processo no Brasil, como a Rua Augusta, em São Paulo. No episódio da série Arquiteturas, moradores da região contam sobre a tentativa de criação do Parque Augusta em resistência à construção de um grande projeto imobiliário no local.



FOTO: PIU DIP



**dia 25,
21h30**

GABRIEL SATER

Direção Geral: Carlos Zen.
Classificação: Livre.

Unindo música regional a ritmos latino-americanos e rock n' roll, o compositor Gabriel Sater se apresenta em show gravado em início deste ano, no Sesc Consolação. Com músicas inéditas e homenageando seu pai, Almir Sater, Gabriel toca junto a João Gaspar, no violão, Álvaro Couto, no acordeom e no teclado, e Paulinho Vicente, na bateria, composições inspiradas pela natureza.

dia 22, 22h30

CAMINHOS: SERRA DE FECHADOS

Direção: Heloísa Passos e Marília Rocha. Classificação: Livre. Ir à escola, voltar para casa, produzir queijos, coletar ovos, brincar na cachoeira. Essa é a rotina de dois irmãos que moram na zona rural, na região da Serra de Fechados, em Minas Gerais. No episódio da série Caminhos, o SescTV acompanha o trajeto dos garotos até a escola, a cavalo, e seus primeiros contatos com a alfabetização, apresentando o cotidiano de crianças do Brasil.

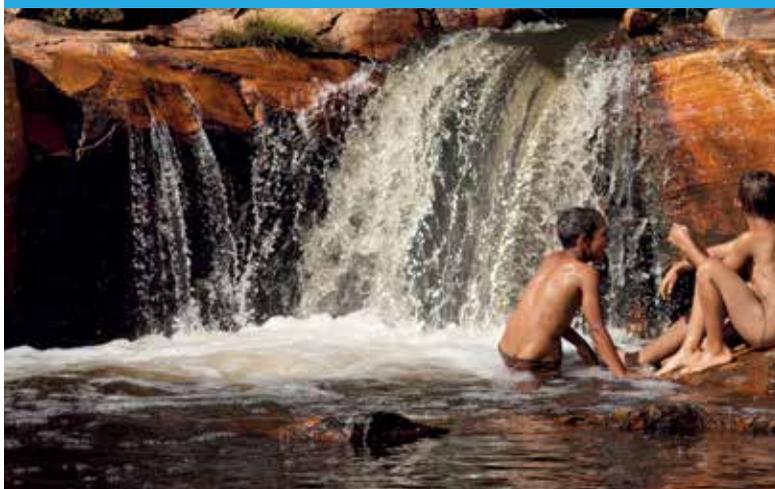


FOTO: HELOÍSA PASSOS



SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
Administração Regional no Estado de São Paulo

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL
Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL
Danilo Santos de Miranda

A revista SescTV é uma publicação do Sesc São Paulo sob coordenação da Superintendência de Comunicação Social.

Distribuição gratuita.

Ninguém está autorizado a vender anúncios.

COORDENAÇÃO GERAL

Ivan Giannini

SUPERVISÃO GRÁFICA

Hélcio Magalhães

REDAÇÃO

João Cotrim

EDITORIAÇÃO

Thais Mendes

REVISÃO

Marcelo Almada

PROJETO GRÁFICO

Marcio Freitas e Renato Essfelder

REVISTA DIGITAL

Ana Paula Fray, Larissa Carvalho e Marilu Vecchio



DIREÇÃO EXECUTIVA

Valter Vicente Sales Filho

DIREÇÃO DE PROGRAMAÇÃO

Regina Gambini

COORDENAÇÃO DE PROGRAMAÇÃO

Juliano de Souza

COORDENAÇÃO DE ADMINISTRAÇÃO

Carlos Padilha

COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO

Adriana Reis

DIVULGAÇÃO

Jô Santina, Jucimara Serra e Glauco Gotardi

ESTAGIÁRIA

Carolina Pulice

Sincronize seu celular no QR Code e assista ao vivo a programação do SescTV



Assista também pelo site sescvtv.org.br/aovivo

Acompanhe o SescTV: sescvtv.org.br



Baixe grátis essa e outras publicações do Sesc São Paulo disponíveis em



Envie sua opinião, crítica ou sugestão para: atendimento@sescvtv.sescsp.org.br

Leia as edições anteriores em: sescvtv.org.br

Este boletim foi impresso em papel fabricado com madeira de reflorestamento certificado



mostra
ECO
FAL
AN
TE

de cinema

AMBIENTAL

em outubro

Blood in the Mobile. Direção Frank Piasecki Poulsen Foto: Divulgação

Assista online: sesctv.org.br/aovivo



/SESCTV